

## Resenha

DO RIO, João. *Cinematógrafo (Crônicas Cariocas)*. Rio de Janeiro: ABL, 2009. 290 p. (Coleção Afrânio Peixoto. v.87).

### FASCÍNIO E IMAGEM NO CINEMATÓGRAFO DE JOÃO DO RIO

Rodrigo da Costa Araujo (Doutorando em Literatura Comparada, UFF)

rodricoara@uol.com.br

*Cinematógrafo (Crônicas Cariocas)* [2009], de João do Rio [1881-1921] pode ser lido, como o título desta resenha induz, semelhante a certa filmografia da vida carioca, filme ou fragmentos cinematográficos que colocam em ação habilidades de leitura além das que são empregadas pelo leitor do texto impresso, ou por outro lado, habilidades que, empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, transformam sensivelmente a recepção do texto.

Escrevendo como numa tela, por meio de movimentos e efeitos visuais, João do Rio sugeriu analogias entre cinema e literatura, em que tanto o escritor-cronista, como o leitor perspicaz vão unindo, de modo sequencial ou não, fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando na sua interação com o potencial dialógico do cinema, um tipo de comunicação que fixa o instante, o efêmero, o cotidiano veloz e fugidio diante do olhar.

A visualidade atrelada aos significantes na escrita, nesse sentido, imita os saltos receptivos, o encanto com as tecnologias e as mudanças causadas na escrita e, no gesto

do leitor que busca estabelecer certa ordem textual com os fragmentos, encontrar nas páginas e frases, imagens descritivas que remetem às cenas ou *flashes* do momento. As crônicas de *Cinematógrafo*, nesse caso, sugerem uma ordenação associativa com a vida carioca de 1908 [início do século XX]<sup>1</sup>, período em que foram escritas e com o surgimento do cinema.

Esse modo de comunicação, marcadamente novo, inaugura habilidades perceptivas e sensórias e, que, de certa forma, guiam os comandos do escritor e do leitor em relação à escrita. De fato, o cronista e autor de *A alma encantadora das ruas* [2007], encontrou na fotografia e no cinema, o que lhe era mais contemporâneo: a velocidade da reprodução e a substituição incessante de imagens, pois as cenas cariocas fazem parte de uma cultura organizada sob o signo do choque, de indivíduos que se acostumaram com o desencontros da metrópole que imitava Paris.

As crônicas de *Cinematógrafo* são, assim, espécies de anúncios e sínteses das construções de seu tempo: imagens que fascinam e prendem a visão para, logo em seguida, morrer prematuramente ao serem substituídas por outras imagens ou registros. A urgência [ou a “Pressa de acabar”] da escrita traduz na escritura de Paulo Barreto a dinâmica das transformações: “E agora, com a transformação das ruas, a cidade escancarava de súbito a indignidade e o vício, mostrava todas as furnas do caftismo e nós víamos ao desejo do luxo, ao contato com o horror, uma flora precoce de pequenas depravadas, galgando o tablado com uma ânsia de bacanal e piscando de lá o olho. [...] Era ou não a civilização, ou não o Rio reflexo de Paris, era ou não a cidade igual a todas as outras, com as mesmas necessidades? [...]” (RIO, 2009, p.119).

No Rio de Janeiro da metrópole-modelo que imitada a cultura parisiense, das lanternas a gás, da eletricidade e do néon, na cidade-vitrina, com seus *boulevards*,

galerias, praças, cafés, museus e teatros, na cidade-passarela que, aos olhos do *dandy*, estetiza as aparências e as paisagens, a identidade do carioca moderno é fixada numa multiplicidade infinita de imagens e registros, tipos e perfis urbanos.

O prefácio da obra, paratexto atraente e importantíssimo, funciona como porta de entrada no livro e tópico esclarecedor para nortear a recepção do leitor. Nele o cronista carioca esclarece seu encantamento pelo cinematográfico: “O cinematógrafo é bem moderno e bem d’agora. [...] Se a vida é um cinematógrafo colossal, cada homem tem no crânio um cinematógrafo de que o operador é a imaginação. Basta fechar os olhos e as fitas correm no cortical com uma velocidade inacreditável. Tudo quanto o ser humano realizou não passa de uma reprodução ampliada da sua própria máquina e das necessidades instintivas dessa máquina. O cinematógrafo é uma delas. [...]. A crônica evoluiu para a cinematografia”. (id., *ibid.*, pp.4-5).

Na atitude alucinógena, confessadamente nesse elegante prefácio, é resultado do excesso de estímulos que o cinema produz e que só pode encontrar sua identidade - no *flâneur* - naquele que passeia pela cidade com o olhar contemplativo, ondulante e aberto à vertigem das alteridades. E, por isso mesmo, critica os que não conjugam dessa nova técnica: “Alguns estetas de atrasada percepção desdenham do cinematógrafo. Esses estetas são quase sempre velhos críticos anquilosados cuja vida se passou a notar defeitos nos que sabem agir e viver. Nenhum desses homens, graves cidadãos, compreende a superioridade do aliviante progresso d’arte” (id., *ibid.*, p.4).

Na escritura de João do Rio é perceptível que o cinematógrafo possibilitou transformações na forma como se percebe e registra a cidade, incorporando novas técnicas na obra de arte e sugerindo, automaticamente, além de outra forma de lê-la, um livro cinematográfico. Seus narradores reforçam, insistentemente, tanto pelos

argumentos, como pela repetição imagética, que o leitor parece estar diante de um livro ou mesmo filme carioca, como nas telas de cinema.

A linguagem utilizada pelo escritor-*dandy* acompanha mecanismos que incorporam, velozmente, as relações entre palavra e imagem, rapidez e descrições. Tendo isso em vista, sua crônica não se mantém numa visão purista da leitura restrita apenas à decifração de letras e mensagens. Do mesmo modo que o contexto semiótico do código escrito foi historicamente modificado, - com o seu gesto cinéfilo de narrar -, mesclando-se com outros processos de signos, com outros suportes e circunstâncias distintas do texto impresso, o ato de ler (ver), segundo o cronista, foi também se expandindo para outras abordagens. Nesse contexto semiótico, portanto, também a pontuação, a sintaxe mais estendida, o vocabulário, o tempo verbal se ajustaram e conduziram o leitor para cenas/*flashes* com direito a montagens, truques, cortes, rapidez e outras técnicas cinematográficas.

Essa poética do cinematógrafo, que perpassa todo o livro e a obra do escritor decadentista como um todo, encerra na crônica chave “A pressa de acabar” [id., *ibid.*, p.266] como metonímia ampla e significativa que resume *Cinematógrafo - Crônicas Cariocas* feito um filme em cenas, cortes e recortes que, num conjunto, retratam o dia-a-dia do Rio de Janeiro no auge da modernização. Por isso mesmo, o narrador, sabiamente, comenta: “O homem mesmo no momento atual, num futuro infelizmente remoto, caso a terra não tenha grande pressa de acabar e seja levada na cauda de um cometa antes de esfriar completamente - o homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão assustador cujo título geral é: *Precisamos acabar depressa*” [id., *ibid.*, p.268].

---

<sup>1</sup> No posfácio do livro, feito crédito ou nota para o leitor - intitulado *Ao leitor* [p.271] - João do Rio, através da voz do narrador, e associando a leitura das crônicas com as fitas diz: “E tu leste, e tu viste tantas fitas... / Se gostaste de alguma, fica sabendo que foram todas apanhadas ao natural e que mais não são senão os fatos de um ano, as ideias de um ano, os comentários de um ano - o de 1908, apanhados por um aparelho fantasia e que nem sempre apanhou o bom para poder sorrir à vontade e que nunca chegou ao muito mau para não chorar. A sabedoria está no meio termo da emoção”.